



Furacão no cinema

Fazia tempo desde a última vez em que Miguel passou uma sexta-feira à noite dormindo em sua cama e não a madrugada toda sobrevoando Porto Alegre em busca de um crime para impedir ou um supervilão para bater. A semana toda foi tranquila em relação a crimes relacionados a seres humanos com superpoderes e os delitos comuns, a polícia conseguiu dar conta sozinha, então, por causa disso ele decidiu tirar aquela sexta-feira para descansar e acordou quando já era madrugada de sábado.

Ao deixar seu quarto e ir para a cozinha beber um copo de água antes de voltar a dormir, ao passar ao lado da mesa do lugar, Miguel encontrou, em cima da mesa, alguns envelopes abertos. Puxou a cadeira e sentou pegando aqueles envelopes, começando a ler em seguida. Se tratava de contas que estavam prestes a vencer. Estranhou, obviamente, porque um tempo atrás sua mãe havia lhe dito que as contas estavam todas quitadas e nenhuma ficou atrasada. Analisando aquela situação, chegou à conclusão de que sua mãe havia mentido para ele parar de usar o dinheiro que estava ganhando no seu “trabalho” com as despesas da casa.

Miguel não pensou duas vezes antes de tomar sua decisão. Assim que o sol nasceu saiu da sua casa e passou em um banco no centro da cidade, todo dinheiro que ele e seus amigos conseguiam com o perfil do Anjo Noturno no YouTube ia para sua conta que, algum tempo atrás, sua mãe havia aberto para ele juntar um pouco de grana em casos de emergências. Pegou a quantia que seria necessária para pagar as dívidas, mas para sua surpresa a soma daquele dinheiro guardado era o valor quase certo das contas.

Quando retornou para sua casa, encontrou sua mãe sentada a mesa da cozinha comendo um bolo de milho e bebendo uma xícara de café preto enquanto assistia a um programa de auditório pela televisão do seu celular. Provavelmente o “Caldeirão do Huck”, mas Miguel não estava com cabeça para prestar atenção no que passava na televisão.

– Não vai trabalhar hoje mãe? – perguntou o adolescente sentando a mesa. Ele vestia um casaco jeans cheio de bolsos por cima da sua camisa preta.

– Não... Fui demitida do meu bico de sábado, querido, mas não se preocupa que logo eu arrumo dinheiro. – sorriu a mulher.

– Mãe... – sussurrou o garoto a encarando, então, tirou de um dos bolsos da sua jaqueta, um envelope e entregou para a mulher que, quando notou do que se tratava arregalou seus olhos.

– Miguel Oliveira dos Anjos... Isso não é necessário e onde você arrumou essa quantia? Quanto dinheiro tem aí? – perguntou a matriarca em um tom autoritário.

– O suficiente para pagar aquelas contas atrasadas e eu arrumei esse dinheiro fazendo vários bicos ano passado. Eu tava guardando para uma emergência e esse é o caso, mãe!

– Meu filho, eu não posso...

– Mãe, você deve! Eu também vivo nessa casa se esqueceu? Aceita a minha ajuda. Eu guardei esse dinheiro por quase um ano... – disse Miguel abrindo o envelope e mostrando a quantia para sua mãe. – E agora é a hora de usar esse dinheiro.

A mulher sorriu olhando para o filho, ela queria chorar, se seguraria. Então, se inclinou e abraçou seu filho com muita vontade. E agradeceu com um obrigado fraco, se falasse mais alto, com certeza, começaria a chorar. Miguel respondeu aquele agradecimento com outro obrigado, também em tom baixo.

...

— Você não vai mais? — perguntou Leandro em frente a Miguel. Daniela estava ao lado com a mesma expressão de confusão do garoto nipônico.

— Por quê? — perguntou Daniela em seguida. — Você tava animado em encontrar esse carinha sem ser com as roupas de super-herói. Por que você mudou de ideia?

— Eu tive que usar o dinheiro que a gente juntou com o YouTube que... Aliás, não é muito, Leandro! — seu tom de voz aumentou dramaticamente ao falar o primeiro nome do seu amigo no final da primeira frase. — Tive que pegar e pagar as contas atrasadas lá de casa. — respondeu Miguel com um tom triste em sua voz, mas, no fundo, ele não se arrependia de ter feito aquilo para ajudar sua mãe.

O rapaz caucasiano se sentou no sofá do quartel-general, entristecido por desmarcar o encontro, sabia que Maurício retornaria para o seu coven depois daquele dia e, era bem possível, que eles não se vissem mais futuramente.

— Explicou para ele o motivo de ter desmarcado? — perguntou Daniela.

— Sim. — respondeu Miguel ainda com a expressão entristecida.

— Ah, pensa positivo, cara. — pediu Leandro ao tentar transparecer uma animação. — Ele vai entender se você disse o motivo de ter feito isso.

Após o amigo terminar de falar, o celular de Miguel vibrou e ele tirou o aparelho do bolso da sua calça. Era uma mensagem de Maurício. Os amigos ficaram curiosos e se sentaram ao seu lado, esperando por ele contar sobre o que se tratava a mensagem, isso depois que ele revelou ser uma mensagem do outro jovem herói.

– Ele disse que vai pagar. – disse o rapaz de cabelos escuros.

– Isso é bom, não é? – perguntou Leandro sem entender o tom na voz do outro que denunciava o seu descontentamento.

– Eu não quero que ele me banque...

– Ele não vai te bancar! – exclamou Daniela em seguida. – Ele quem convidou, então, ele que pague. Todo mundo conhece essa regra.

– É... Todo mundo? – perguntou Leandro confuso, arqueando uma de suas sobrancelhas para a amiga.

– Açam que eu deveria aceitar, então? – questionou Miguel.

Quando seus dois amigos responderam ao mesmo tempo um belo e musical “sim”, o garoto confirmou com o outro. O encontro naquele final de tarde ainda estava em pé, sem mais problemas. Finalmente, depois de um grande tempo após ter se tornado o Anjo Noturno, ele teria um dia completamente normal.

Como aquele seria o seu primeiro encontro, mesmo após confirmar, Miguel continuou nervoso sobre o tema. Ele voltou para sua casa acompanhado dos seus dois amigos. Em seu quarto a sua amiga Daniela e o seu amigo Leandro o ajudaram a escolher a combinação perfeita de roupas para usar naquela noite de cinema ao lado de Maurício. Como o rapaz místico era um ano mais velho que o nosso protagonista, ele queria vestir algo que fizesse ele parecer maduro ou mais inteligente do que ele era de verdade. Quem nunca?

– Não tem como ele vestir suéter no verão brasileiro, Leandro! – disse Daniela em um tom quase como de uma professora falando o óbvio para um aluno que não havia entendido a matéria.

Nisso, eles continuaram tentando encontrar a roupa perfeita para o amigo usar em seu encontro. Uma tarefa um pouco difícil já que Miguel não tinha muitas opções de escolha, mas, ainda

assim, a dupla de amigos não desistiu de ajudar o terceiro. No final, a escolha foi bem simples.

Miguel vestiu uma camisa azul escura de mangas que iam até seu cotovelo, uma calça jeans preta que tinha no seu armário com seus tênis favoritos da mesma cor. A camisa por dentro da calça e um cinto apertando sua cintura e, ainda, ele vestiu um casaco (de tecido fino por causa do calor) por cima para terminar de compor o seu look.

Após ajeitar seu cabelo, passar o perfume que Leandro havia escolhido em uma intensa discussão com Daniela, Miguel se despediu dos seus dois amigos na parada de ônibus quando o transporte público estacionou em frente ao ponto.

– Eles crescem tão rápido... – disse Daniela em um tom sereno após suspirar, sorrindo na direção em que o ônibus ia.

– Sim, eles crescem... – respondeu Leandro limpando uma lágrima que escapuliu.

Ao entrar no shopping, Miguel começou a procurar por quem deveria ser aquele rapaz com poderes míticos de controle sob os quatro elementos da natureza. Havia muitas pessoas no local, ele não conseguia distinguir ninguém na multidão, lançava seu olhar para todos os lados a procura de alguém que lembrasse, nem que fosse vagamente, O Bruxo.

Já estava ficando exausto de tanto girar, procurando quando sentiu uma mão cutucar seu ombro e ao olhar para trás encontrou a visão de um rapaz um pouco mais alto do que ele, também um pouco mais encorpado de pele preta um pouco clara, cabelos cacheados e um lindo sorriso, um sorriso tão lindo que também enchia seus olhos esverdeados.

— Você... — sussurrou Miguel ainda admirado pela beleza do outro.

— Espero que não tenha se decepcionado... — disse Maurício com uma risada no final.

Maurício vestia um macacão jeans de cor clara, por baixo uma camisa vermelha com as mangas que também iam até seu cotovelo. Carregava uma mochila vermelha em suas costas.

— Ah, não... Não! Claro que não! — respondeu o rapaz caucasiano se recuperando. — Não, eu não me decepcionei não...

— Certo. — disse o rapaz negro ainda sorrindo. Balançou sua cabeça de repente, sacudindo seus cachos e, mais uma vez, hipnotizando o Anjo Noturno que não ouviu quando o mesmo o convidou para irem comprar os ingressos. Tendo que repetir sua pergunta. — Vamos comprar os ingressos?

Miguel saiu do seu transe mais uma vez, arqueando sua sobrancelha em uma careta tentando entender o que Maurício disse e quando seu cérebro processou. Confirmou com sua cabeça.

— Sim, vamos!

Maurício riu, negando com sua cabeça, então, os dois caminharam juntos até o cinema que se localizava aos fundos do primeiro andar do shopping.

Só havia ingresso para a próxima sessão do filme que eles tinham escolhido assistir, sessão que começaria em três horas. Mesmo assim eles compraram os ingressos e, antes de irem passear pelo shopping para matar o tempo, ficaram vendo os cartazes dos títulos que estavam sendo apresentados. Havia um painel com um Chris Evans em tamanho real, Miguel pediu para que Maurício tirasse uma foto dele abraçando o Capitão América.

Enquanto tirava aquela foto, Maurício sorri admirando a beleza do outro. Os dois não podiam ter dito um para o outro (ainda não), mas suas companhias os deixavam felizes, até mesmo mais leves. Era como se toda a história de superpoder e magia não existisse.

— Deixa eu ver a foto... — pediu o garoto branco de cabelos morenos ao se aproximar.

— Aqui... — disse o outro rapaz mostrando a tela do celular sem pensar duas vezes. — Gostou? Você ficou bonito nessa foto.

Miguel olhou para Maurício, suas bochechas se avermelharam com o calor que sentiu ao ouvir que o outro havia lhe achado bonito.

Respondeu:

— Obrigado.

Os olhares se cruzaram e por alguns breves segundos, havia apenas eles no mundo. As pessoas que iam e vinha naquele shopping, naquele cinema, não existiam mais. Não tinha mais tempo, muito menos espaço. Parecia que os dois ocupavam o mesmo lugar, havia um brilho bonito no olhar de Maurício que Miguel admirava e havia um brilho corajoso no olhar de Miguel que Maurício admirava. Suas bocas ficaram semiabertas, um beijo aconteceria em breve...

De repente esse momento foi interrompido por uma forte explosão que fez com que, assim como as outras pessoas que estavam por ali, os dois saíssem voado contra uma parede. Ambos caíram um do lado do outro chão.

Miguel abriu seus olhos de vagar, entre a parede caída e o teto, destroços que alguns minutos atrás faziam parte do shopping, ele encontrou quatro pés familiares. Levantou sua visão e lá estavam eles, os dois irmãos que podiam produzir vento com suas mãos.

— São eles... — sussurrou Maurício também com sua atenção presa naqueles dois.

— Não se preocupem, não pensamos em demorar! — disse La Niña vestindo seu uniforme com detalhes azuis, denunciando que o seu vento era o mais frio. — Mas se eu fosse vocês fugiriam agora antes que nossos ventos façam mais estragos! — ela riu e em seguida apontou as palmas das suas mãos abertas na direção do caixa do cinema.

Os funcionários saíram dali correndo.

Maurício e Miguel levantaram do chão e o rapaz de cabelos cacheados puxou o outro pelo seu pulso, levando o mesmo para um corredor ali perto que dava para um dos banheiros.

— Trouxe seu uniforme? — perguntou Maurício para Miguel.

— O quê? — Miguel arqueou sua sobrancelha, não esperava que precisaria trazer o seu uniforme para aquele encontro. — Não... Trouxe o seu?

Foi a vez de Maurício fazer uma careta e responder:

— Claro que sim! Nessa minha mochila!

— Tá, você não vai lutar sozinho. — disse o mais jovem retirando seu celular do bolso do seu casaco.

— Acha que seus amigos vão trazer seu uniforme a tempo? — perguntou Maurício em um tom de deboche.

Miguel riu antes de responder:

— Leandro é rico. Quando você é rico, consegue fazer as coisas com ligeireza.

— Ligeireza. — riu Maurício achando a escolha de palavra engraçada.

La Niña havia conseguido puxar todo o dinheiro vivo do caixa do cinema e colocar no saco que seu irmão, El Niño segurava.

Entretanto, a quantia era bem baixa se eles fossem comparar com a mesma que havia roubado, no começo desse volume, na joalheria.

– Nunca mais vamos assaltar um cinema! – disse com raiva o rapaz dentro do uniforme com detalhes em vermelho.

– Eu te disse que tem grana pra bancar cinema paga com cartão! – exclamou a garota com suas mãos em sua cintura.

De repente uma lambida de chamas acertou o espaço entre os irmãos, assustando ambos e fazendo com que se afastassem um do outro.

– SÃO ELES, OS HERÓIS! – disse El Niño em um tom alto de raiva.

– Vamos acabar com eles como da última vez! – exclamou La Niña igualmente brava e confiante.

Anjo Noturno se aproximava voando não muito longe do chão e com O Bruxo em seus braços, logo o soltou e os dois pousaram no chão com a típica pose de super-herói. Seus joelhos e punhos fechados batendo no solo, com uma das pernas abertas. Rapidamente, se colocaram em posição de ataque para lutar.

– Dessa vez essa briga vai ter um final diferente! – disse o herói de asas negras apontando seu dedo para a garota.

– Isso que vamos ver. – respondeu ela rindo.

– A gente precisa unir nossos poderes, como eles fazem. – sussurrou O Bruxo para o seu colega.

– Como? – perguntou Anjo Noturno sussurrando de volta. – Nossos poderes são completamente diferentes...

– Mas tem que existir uma combinação que funciona! – sussurrou O Bruxo em resposta.

El Niño jogou uma rajada de vento na direção dos dois heróis, então, para se defender, Anjo Noturno criou um escudo a sua

frente e de seu colega, fazendo com que aquele vento se dividisse em dois e acabasse acertando a vitrine de uma loja que havia ali perto do cinema.

– Você não pode, tipo, manipular o ar? – perguntou o Anjo Noturno para O Bruxo. – Por que não tenta controlar o vento desses dois?

– Não é assim que funciona! – respondeu o herói negro em um tom alto.

Quando os dois se deram conta, os irmãos do vento estavam ali na frente deles e uma luta corpo a corpo começou. Os dois vilões estavam com raiva e queriam acabar logo com aquilo de alguma maneira, a agressão física parecia ser a melhor solução naquele momento.

Quando La Niña tentou acertar um chute em O Bruxo, ele segurou sua perna e girou, fazendo com que a garota parasse de costas contra uma parede.

Anjo Noturno não teve a mesma sorte porque, acabou sendo atingido por um soco do El Niño que acertou mais um soco em sua outra face segundos adiante. Quando ele foi chutar o garoto, sentiu uma chama tocar seu corpo e rapidamente saltou para trás, seu uniforme havia ficado chamuscado pelo fogo do outro super-herói.

– Cê tá bem? – perguntou O Bruxo ao lado do Anjo Noturno.

– Sim. – respondeu Anjo Noturno com sua mão em cima da parte do lábio que foi cortado por consequências dos golpes. – Mas eu tive uma ideia...

Em seguida o herói alado sussurrou em um dos ouvidos do rapaz de cabelo cacheado. Quando terminou de ouvir, o segundo concordou com sua cabeça.

Do bastão de O Bruxo se expandiu uma fita de fogo que quase acertou El Niño mais uma vez, ele pulou e caiu ao lado da sua irmã, os dois não deram suas mãos, mas prepararam seus poderes de forma individual mirando na direção em que os dois super se encontravam.

Antes dos vilões fazerem alguma coisa, O Bruxo mais uma vez lançou suas chamas na direção deles, desta vez o seu fogo estava azul como ficou quando se enfureceu no campo de batalha contra o tal feiticeiro. Para se defenderem, os dois irmãos liberaram seus poderes separadamente.

As chamas começaram a queimar o oxigênio daquele vento, o fogo começou a se expandir através dos poderes da dupla inimiga, então, como forma de atrapalhar qualquer fuga deles, Anjo Noturno criou uma barreira ao redor com sua luz roxa intangível.

Quando o fogo se consumiu em si mesmo, o escudo roxo foi retirado. El Niño e La Niña estavam com suas roupas chamuscadas e tossindo, tentando recuperar suas respirações temporariamente prejudicadas. Nesse mesmo segundo os seguranças do shopping estavam se aproximando com alguns policiais para deterem os criminosos, entretanto, mesmo com dificuldade para respirar, quando os dois uniram suas mãos lançaram um jato de ar forte o suficiente para afastar as autoridades e levantar voo para longe dali.

– Eles fugiram de novo! – disse o Anjo Noturno bravo por aquilo ter acontecido mais uma vez.

– Da próxima vez você ou a gente pega eles. – sorriu O Bruxo.

Aquela parte do shopping foi interditada e o cinema teve que ser fechado porque reconstruiriam o teto que foi quebrado com a entrada surpresa dos supervilões. Sendo assim, o filme que Maurício e Miguel assistiriam teve que ficar para outro dia. Os dois

trocaram de roupa em um dos banheiros do shopping e depois, após passar alguns minutos passeando pela parte do lugar que não foi interdita, foram se despedir em frente ao local.

Já estava de noite, o clima quente e abafado de cidade grande no verão estava dando lugar a um ar mais ameno e fresquinho. Eles podiam ouvir, ao momento em que caminhavam pela calçada do shopping, o som dos carros indo e vindo na estrada a frente. As buzinas em alguns momentos. As luzes amarelas da iluminação pública davam um ar interessante para a cena.

— Então, você vai voltar para seu covão. — disse Miguel parando em frente ao ponto de ônibus.

— Sim. — respondeu Maurício com suas mãos no bolso do macacão que vestia. — Mas eu acho que a gente vai voltar a se ver...

— Ah... — Miguel fez uma careta pensando, não esperava que o outro fosse querer voltar a vê-lo. — Sério? — perguntou ainda sem acreditar.

— Claro que sim. — respondeu o rapaz negro rindo, passou sua mão em seu cabelo cacheado para ajeitar e em seguida fixou seu olhar no caucasiano. — É legal ser super-herói e tal, mas foi mais legal ser com você do meu lado.

— Digo o mesmo... — disse Miguel ficando com seu rosto vermelho mais uma vez naquela noite.

Maurício se inclinou, dando um rápido beijo na boca do outro. Um beijo que, para quem viu de fora, durou rápidos segundos, mas para os dois foi como uma eternidade. Com seus olhos fechados durante o ato, Miguel conseguiu ver e ouvir fogos de artifícios. O mesmo para Maurício que, depois de se afastar, ainda abalado por aquele beijo que foi sua ideia, disse:

— A gente se vê outro dia. — deu as costas e se afastou.

Sorrindo, Miguel passou seus dedos na sua boca, sorrindo.

CONTINUA...

